

# Uma história das leituras para professores

análise da produção e circulação de  
saberes especializados nos manuais  
pedagógicos (1930-1971)\*

*Vivian Batista da Silva\*\**

Este texto apresenta alguns dos resultados de um estudo acerca da produção e circulação de conhecimentos entre professores, tomando como fontes nucleares os manuais pedagógicos publicados no Brasil entre 1930 e 1971. Tais livros são escritos para uso em escolas normais, durante aulas de disciplinas diretamente relacionadas a questões educacionais, a saber, pedagogia, didática, metodologia e prática de ensino. Pretende-se identificar algumas características dessa produção e os modos pelos quais o conjunto de textos examinados constrói e divulga saberes sobre o ofício docente.

*LEITURAS PARA PROFESSORES; MANUAIS PEDAGÓGICOS; IMPRENSA PEDAGÓGICA; FORMAÇÃO DOCENTE; SABERES PEDAGÓGICOS.*

This article presents some results of a study about the production and circulation of knowledge among teachers. The study mentioned uses, as its main source of data, the educational manuals published in Brazil from 1930 to 1971. These books were written for teachers in pre service education courses during classes of subjects directly related to teaching: pedagogy, didactics, methodology and teaching practice. We try to identify some characteristics of this production and the ways they construct and spread educational knowledge.

*READING PRACTICES AMONG TEACHERS; EDUCATIONAL MANUALS; EDUCATIONAL PRINTING PRESS; TEACHER PRE SERVICE EDUCATION; EDUCATIONAL KNOWLEDGE.*

---

\* Este texto foi originalmente apresentado na 25ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Caxambu entre os dias 29 de setembro e 2 de outubro de 2002. A referida comunicação integrou o GT 2 de História da Educação.

\*\* Mestre e doutoranda em história da educação pela Faculdade de Educação da USP.

## Introdução

Identificar características dos *manuals pedagógicos* brasileiros, tal como o presente trabalho se propõe, corresponde a um esforço de colaborar para uma história de leituras para professores. Os livros em pauta são assim denominados por terem sido escritos a fim de desenvolverem os temas previstos para o ensino de disciplinas profissionalizantes dos currículos de instituições de formação docente, no caso, aquelas diretamente relacionadas com questões educacionais, a saber, a pedagogia, a didática, a metodologia e a prática de ensino. Trata-se de um tipo de texto elaborado a partir dos programas oficiais e que contém de forma mais detalhada do que essas prescrições os conhecimentos a serem efetivamente ensinados aos normalistas (Correia, 2001). Nesse sentido, esse gênero assume uma posição muito peculiar na literatura educacional (da qual se destacam a imprensa periódica e outras obras feitas para orientar o exercício do magistério, a exemplo de guias sobre temas de ordem moral, administrativa ou metodológica), pois, ao reunir e sistematizar conteúdos tipicamente escolares, propõe-se a tratar de maneira sucinta e acessível o que há de “essencial” em termos de educação, favorecendo assim um primeiro contato do leitor com essas questões.

Este estudo analisa 44 títulos publicados entre 1930 e 1971 (ver Quadro 1), localizados em acervos<sup>1</sup> de São Paulo e Campinas, os quais reúnem um número significativo de obras na área educacional. A data inicial da pesquisa define-se em função de mudanças levadas a efeito em escolas normais de vários estados do Brasil e, principalmente, de um notável aumento de publicações destinadas aos futuros professores<sup>2</sup>. Delimitando o marco final, considera-se a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases – LDB – n. 5.692, que substitui as antigas instituições pela Habilitação Específica para o Magistério e ainda o fato de,

- 
- 1 Biblioteca da Faculdade de Educação da USP; Biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP; Biblioteca da PUC-SP; Biblioteca Municipal Mário de Andrade e o acervo do Instituto de Estudos Educacionais Sud Mennucci.
  - 2 Sobre a história de cursos de formação docente no Brasil, ver, por exemplo, Tanuri (1969, 1973 e 2000), Almeida (1993) e Vidal (1995).

nesse momento, as edições se apresentarem por meio de recursos tipográficos mais sofisticados. Isso articula-se à modernização do setor editorial, permitindo uma produção mais ágil e acelerada, com a utilização cada vez maior de ilustrações, fotografias e uma diagramação marcada pela ocupação menos massiva da página, a exemplo do que acontece com a maior parte das obras publicadas no país durante esse período. Tais mudanças refletem-se nos livros destinados ao uso escolar – conjunto ao qual o *corpus* aqui analisado se integra – motivando o que Décio Gatti Júnior (1998) assinala como a passagem dos “antigos manuais escolares” para os “modernos livros didáticos”.

Quadro 1  
TÍTULOS E AUTORES DOS MANUAIS  
PEDAGÓGICOS ESTUDADOS

TÍTULO	AUTOR
1. <i>Didática (nas escolas primárias)</i> . . . . .	João Toledo
2. <i>Introdução ao estudo da Escola Nova</i> . . . . .	Lourenço Filho
3. <i>As modernas diretrizes no ensino primário (escola ativa, do trabalho ou nova)</i> . . . . .	Francisco Vianna
4. <i>Escola brasileira</i> . . . . .	João Toledo
5. <i>Planos de lição: noções comuns</i> . . . . .	João Toledo
6. <i>Técnica da pedagogia moderna: teoria e prática da Escola Nova</i> . . . . .	Everardo Backheuser
7. <i>Pedagogia</i> . . . . .	Djacir Menezes
8. <i>Fundamentos do método – problemas metodológicos do ensino primário</i> . . . . .	Onofre de Arruda Penteado Jr.
9. <i>Práticas escolares – 1º volume</i> . . . . .	Antônio D’Ávila
10. <i>Práticas escolares – 2º volume</i> . . . . .	Antônio D’Ávila
11. <i>Práticas escolares – 3º volume</i> . . . . .	Antônio D’Ávila
12. <i>Manual de pedagogia moderna (teórica e prática)</i> . . . . .	Everardo Backheuser
13. <i>Como educar as crianças</i> . . . . .	Aristides Ricardo
14. <i>Prática de ensino: o ensino e a aprendizagem, as técnicas de ensino, os planos de ensino, a realidade do ensino, a verificação do ensino</i> . . . . .	Theobaldo Miranda Santos
15. <i>Prática do ensino primário: diário de atividades da professoranda para uso das escolas normais e institutos de educação</i> . . . . .	Brisolva de Brito Queirós et al.

(continua)

(continuação)

TÍTULO	AUTOR
16. <i>O quadro-negro e sua utilização no ensino</i> . . . .	Luíz Alves de Mattos
17. <i>Pedagogia – teoria e prática (de acordo com o programa do Curso Normal e com as diretrizes do ensino primário) – 1º volume</i> . . . . .	Antônio D’Ávila
18. <i>Fundamentos de educação (princípios psicológicos e sociais, elementos de didática e administração escolar)</i> . . . . .	Afro do Amaral Fontoura
19. <i>Metodologia do ensino primário (contendo a matéria dos 2º e 3º anos do Curso Normal)</i> . . . . .	Afro do Amaral Fontoura
20. <i>Lições de pedagogia (rigorosamente de acordo com o programa oficial das Escolas Normais 1º ano)</i> . . . . .	Aquiles Archêro Jr.
21. <i>Introdução à pedagogia moderna</i> . . . . .	Theobaldo Miranda Santos
22. <i>Metodologia do ensino primário (de acordo com os programas dos Institutos de Educação e das Escolas Normais)</i> . . . . .	Theobaldo Miranda Santos
23. <i>Didática mínima</i> . . . . .	Rafael Grisi
24. <i>Processologia na escola primária</i> . . . . .	Caio de Figueiredo Silva
25. <i>Métodos e técnicas do estudo e da cultura: ler, escrever, conversar, estudar, adquirir cultura</i> . . . . .	Theobaldo Miranda Santos
26. <i>Compêndio de pedagogia moderna – de acordo com os programas do Concurso de Ingresso no Magistério das Escolas Normais</i> . . . . .	Romanda Gonçalves; Alcy Villela Bastos e Léa da Silva Rodrigues
27. <i>A linguagem didática no ensino moderno</i> . . . . .	Luíz Alves de Mattos
28. <i>Introdução à didática geral</i> . . . . .	Imídeo Giuseppe Néri
29. <i>Noções de metodologia do ensino primário – de acordo com os programas dos Institutos de Educação e das Escolas Normais</i> . . . . .	Theobaldo Miranda Santos
30. <i>Noções de pedagogia científica – para uso das escolas normais, institutos de educação e faculdades de filosofia</i> . . . . .	Theobaldo Miranda Santos
31. <i>Didática geral – de acordo com os programas oficiais de 1ª e 2ª séries do Curso Normal das escolas do estado do Rio de Janeiro</i> . . . . .	Romanda Gonçalves Pentagna
32. <i>Sumário de didática geral</i> . . . . .	Luíz Alves de Mattos
33. <i>Introdução à prática de ensino – 1ª série normal</i> . . . . .	Amadice Amaral dos Reis et al.
34. <i>Metodologia e prática moderna de ensino</i> . . . . .	Angelina de Lima

(continua)

(continuação)

TÍTULO	AUTOR
35. <i>Didática geral</i> . . . . .	Afro do Amaral Fontoura
36. <i>Didática geral – para uso das Faculdades de Filosofia e das Escolas Normais</i> . . . . .	Onofre de Arruda Penteadó Jr.
37. <i>Manual do professor primário – o professor, a escola, o aluno, os métodos, as medidas, as instalações</i> . . . . .	Theobaldo Miranda Santos
38. <i>Diretrizes de didática e educação</i> . . . . .	Ismael de Franca Campos
39. <i>Ensino: sua técnica – sua arte</i> . . . . .	Ruy Santos de Figueiredo
40. <i>Prática de ensino</i> . . . . .	Afro do Amaral Fontoura
41. <i>Noções de prática de ensino – de acôrdo com os programas dos Institutos de Educação e das Escolas Normais</i> . . . . .	Theobaldo Miranda Santos
42. <i>Noções de didática geral – para uso das escolas normais, institutos de educação e faculdades de filosofia</i> . . . . .	Theobaldo Miranda Santos
43. <i>Pedagogia e didática modernas</i> . . . . .	Benedito de Andrade
44. <i>Ensinando à criança: guia para o professor primário</i> . . . . .	Alayde Madeira Marcozzi et al.

O problema que mobiliza a presente análise refere-se às práticas de organização e circulação de conhecimentos profissionalizantes nos impressos em pauta e o que se procura apreender são as características dos discursos tidos como “excelentes” para conduzirem o ofício de ensinar. Ou seja, o propósito central é identificar alguns dos modos pelos quais se constitui uma cultura profissional docente, entendida como um amplo conjunto de elementos, dentre os quais estão as tarefas cotidianas na sala de aula, a convivência com os alunos, as conversas entre colegas, a partilha de uma identidade comum, a integração de experiências pessoais às atividades de trabalho, bem como a assimilação de valores, competências, crenças, hábitos e informações que buscam instaurar modalidades de interpretação e ação junto às situações de ensino (Perrenoud, 1993). Uma dimensão como essa diz respeito às maneiras como um grupo elabora, vive e pensa sua realidade e, tomando-se como referência alguns pressupostos assinalados por Roger Chartier (1990), pode ser apreendida mediante o exame de textos – no caso, os manuais pedagógicos – que constroem e tentam impor formas de apreender e intervir num determi-

nado espaço. Assim, ao identificar algumas modalidades de produção e circulação do conhecimento pedagógico, o trabalho aqui apresentado insere-se no quadro dos estudos voltados para uma história das leituras para professores.

Os esforços de análise incidem sobre a identificação dos objetivos e recomendações de uso do gênero em questão, das temáticas desenvolvidas ao longo das páginas, bem como de iniciativas quanto à escrita e circulação do material. Tais interrogações são tratadas mais demoradamente em dissertação de mestrado já desenvolvida junto à área de história da Educação e cujos resultados são aqui parcial e brevemente retomados<sup>3</sup>. Esse trabalho apresenta uma retomada dos currículos e programas prescritos para a escola normal no estado de São Paulo, com o intuito de apreender articulações entre os planos de estudo e os temas tratados no repertório em análise. Em seguida, atenta para os modos pelos quais as edições se dirigem ao seu público leitor, identificando os objetivos do gênero a partir das declarações constantes nos prefácios; bem como das recomendações de uso dos manuais divulgadas em resenhas publicadas em periódicos educacionais. Considerou-se necessário também reconstituir as características materiais dos escritos, com base em observações de Chartier (1990) a respeito da importância das investigações sobre os “suportes do texto”, ou seja, as disposições tipográficas, a organização das páginas, a apresentação das ilustrações e outros tipos de recursos técnicos por meio dos quais os livros chegam aos leitores. Numa segunda parte, a pesquisa examina o conteúdo dos manuais, interessando-se particularmente pela forma como eles reúnem e sintetizam saberes pedagógicos. Isso permite conhecer os tipos de apropriação e divulgação da bibliografia utilizada pelos autores, levando-se em conta proposições de Pierre Bourdieu (1990) acerca da produção de leituras em determinados espaços. Num último momento, são retomadas regulamentações oficiais no que tange à elaboração e adoção das

---

3 Trata-se do estudo intitulado *História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos “manuais pedagógicos” brasileiros (1930-1971)*, o qual foi desenvolvido pela autora junto à Faculdade de Educação da USP (2001).

obras estudadas, visando a mostrar o seu lugar no mercado editorial brasileiro.

Explicitando as estratégias utilizadas na investigação, vale retomar as proposições feitas por Robert Darnton (1990) acerca de um modelo de análise mediante o qual é possível examinar a produção de impressos. Embora essa difusão varie conforme o lugar, a época, o tipo de texto e o público ao qual ele se destina, é possível falar de um ciclo de vida comum, o qual passa pelo escritor, editor ou livreiro, impressor, distribuidor, vendedor e leitor. Convém, nesse sentido, atentar para cada fase do processo, em sua globalidade e diante das possíveis variações ao longo do tempo, bem como em todas as suas relações com outros sistemas, seja o econômico, o social, o político e o cultural. Sem dúvida, trata-se de um grande empreendimento, cujas potencialidades de exame são aqui reconhecidas quando se atenta para diversos aspectos envolvidos na edição de manuais pedagógicos, sem, evidentemente, exaurir todos os elementos aí envolvidos. Na medida do possível e num primeiro momento, busca-se evidenciar os objetivos dos autores, as formas tipográficas assumidas pelos escritos graças ao trabalho dos editores, ilustradores e impressores, as recomendações oficiais quanto à publicação de textos escolares e, mais precisamente, quanto aos tópicos a serem desenvolvidos pelos livros de pedagogia, didática, metodologia e prática de ensino destinados aos alunos da escola normal. Na pesquisa realizada, procede-se ao exame de currículos e programas desse curso, na cidade de São Paulo especialmente, no intuito de apreender as relações entre os planos oficiais e os conteúdos das obras. Com o objetivo de identificar expectativas relacionadas a esse material, recorre-se a periódicos educacionais circulantes no período – a saber, a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (Rio de Janeiro, a partir de 1944); a *Revista do Magistério* (São Paulo, 1952-1963); a revista *Atualidades Pedagógicas* (São Paulo, 1950-1962) e a revista *Educação* (São Paulo, 1927-1961) – que publicam resenhas e comentários sobre os manuais. Examina-se também prefácios dos próprios livros, identificando-se as formas pelas quais estes se auto-representam. E recorre-se ainda à legislação que ordena a produção e circulação da literatura escolar em geral, bem como a estudos acerca do desenvolvimento de iniciativas editoriais

no país (Hallewell, 1985), a fim de compreender o significado do gênero estudado nesse setor. Assim, e tomando os manuais pedagógicos como fonte nuclear, é possível reconstituir os modos pelos quais esses textos integram o mercado literário e, sobretudo, o processo de formação de professores primários.

No que tange ao lugar deste trabalho no conjunto das produções brasileiras na área de história da educação, as considerações de Catani e Faria Filho (2001) podem auxiliar. Ao examinar as características dos estudos apresentados nas Reuniões Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED – desde 1985 – data de criação do Grupo de Trabalho História da Educação (GT 2) – os autores observam um interesse especial, a partir dos anos de 1990, por temas como profissão docente, fontes e metodologia, estudos de gênero, saberes escolares e livros e práticas de leitura. A esse respeito, e referindo-se também a uma notável diversificação das fontes, eles assinalam a existência de novas perspectivas de análise e o fortalecimento da produção nacional. Por sua vez, o presente exame articula-se a uma dessas linhas que têm motivado boa parte das atividades dos pesquisadores da área, recaindo sobre a história da leitura e dos impressos<sup>4</sup> ou, mais especificamente, sobre o texto escolar, na medida em que, como já foi assinalado, os manuais pedagógicos fazem parte das leituras promovidas pela escola, pois são escritos que ordenam o conjunto de saberes a serem transmitidos aos normalistas, além de definirem com isso determinados modos de transmissão e apreensão desses conhecimentos. Para além da função de formar estudantes, o gênero em pauta assume outra tarefa, qual seja, a de subsidiar a constituição da identidade de profissionais – professores primários – que devem atuar na formação de outros alunos. Tais elementos conferem aos manuais pedagógicos um lugar muito especial e a investigação aqui proposta visa a contribuir para o

---

4 Entre as produções brasileiras que incidem sobre livros e leituras, é possível citar os textos de Vidal (1999, 1996 e 1997), Peres (2000), Oliveira (1968), Munakata (1999), Godinho Lima (1999), Gatti Jr. (1999), Faria (1984), Carvalho (1992), Oliveira (1984), Bittencourt (1993), Batista (1999), Boto (1997), Galvão (1998), Vidal Carvalho (2000).

conhecimento da história desses livros, mediante o exame de várias fontes e a sistematização de informações capazes de favorecer o desenvolvimento de futuras pesquisas.

## Os “auctores” segundo os “lectores”

Antes de assinalar diferentes fases identificadas no processo de construção e circulação de saberes no *corpus* examinado, no período compreendido entre 1930 e 1971, convém destacar algumas especificidades dos manuais pedagógicos no conjunto da literatura educacional. A esse respeito, é num texto intitulado *Leitura, leitores, letrados, literatura* que Pierre Bourdieu (1990) chama a atenção para a diferença entre o “lector”, aquele que segundo a tradição medieval interpreta um discurso anterior, e o “auctor”, responsável pela elaboração de uma obra original. Tal distinção é aqui especialmente importante, pois os escritores dos manuais apresentam ao seu público, num texto aparentemente coerente e unificado (Rouillet, 1998), a síntese de uma ampla bibliografia, produzida por diversos nomes e relacionada a diferentes ramos de estudo. Assim, essas “leituras de leituras”<sup>5</sup> contidas nos textos analisados constituem-se a partir da explicação que os seus autores, enquanto leitores, fazem de algumas idéias. E, decerto, essa interpretação é o que molda o entendimento que os normalistas constroem das obras citadas.

Nos manuais, é possível identificar formas específicas de apropriação das fontes utilizadas. Os avanços da psicologia, da sociologia, da filosofia, da pedagogia, da história, entre outras áreas comumente mencionadas nesses livros, passam de uma lógica científica (ou pelo menos esse é o estatuto a elas delegado) a uma perspectiva de interpretação que

---

5 O termo “leituras de leituras” é utilizado por Denice Catani (1994) num texto sobre as resenhas bibliográficas publicadas na revista *Educação* (São Paulo, 1927-1961). Baseando-se em Pierre Bourdieu, a autora assinala o fato de que as resenhas são produções derivadas. O comentarista refere-se a obras de outros autores e produz uma leitura que conduzirá à legitimação, ou não, destas. Os autores dos manuais pedagógicos, por sua vez, operam o mesmo tipo de mecanismo.

permite situar as contribuições desses conhecimentos para o ofício de ensinar. Dessa forma, a literatura examinada define-se pela alusão a autores e títulos consagrados e os seus conteúdos, como sugere Bourdieu, corresponde a um universo de referências “que são indissolivelmente diferenças e reverências, distanciamientos e atenções” (1990, p. 145). Nessa transposição, são construídos saberes norteadores da prática docente ou, como diria o autor de um dos títulos analisados, Rafael Grisi, saberes capazes de “fazer a Pedagogia ‘descer do céu à terra’” (1956, p. XIII), a partir de duas espécies de operações: primeiramente, uma relativa à adequação de informações dos vários campos para explicar fatos do cotidiano escolar e, em segundo lugar, um tipo de leitura usada para justificar recomendações sobre como os docentes devem proceder no exercício do magistério.

Nesse sentido, a idéia de *apropriação* é nuclear para compreender a natureza dos manuais pedagógicos e a forma pela qual eles se produzem a partir da incorporação de leituras feitas pelos seus produtores, o que torna necessário o esclarecimento desse conceito, tal como é explicitado por Roger Chartier (1991) quando se refere à liberdade ao mesmo tempo criadora e regulada dos leitores, bem como às múltiplas interpretações das quais um pensamento é suscetível. A relevância dessas considerações tem sido assinalada para o desenvolvimento de estudos empreendidos pelo próprio autor a respeito da história da leitura e das edições na França e reconhece-se a fertilidade dessas contribuições para o entendimento dos modos de produção e circulação dos saberes educacionais. As hipóteses de Chartier conduzem a indagar acerca dos usos que os escritores dos manuais fazem do que lêem, buscando apreender as práticas envolvidas na síntese e na divulgação da literatura por eles mencionada.

Importa, dentro dos limites aqui estabelecidos, assinalar as particularidades das relações entre o contexto de produção da bibliografia citada e os conhecimentos pragmáticos contidos nos livros, de modo que se conheça o processo de passagem de um para o outro. Quais obras e autores são usados nos manuais pedagógicos brasileiros entre 1930 e 1971? As referências são sempre as mesmas ao longo do tempo? De que modo as citações são apresentadas nos textos? Enfim, como os produto-

res desse *corpus* favorecem o acesso dos futuros professores a determinadas informações? Num banco de dados construído com base nessas indagações, estão relacionados dados que dizem respeito à bibliografia e aos nomes citados ao longo das páginas de cada título examinado, bem como a recorrência de transcrições literais, das indicações de leituras e dos resumos de idéias. Cada menção a autor e livros está anotada, identificando-se também os modos pelos quais essa apropriação é exposta: no corpo do texto, em nota de rodapé, na bibliografia, com transcrição literal do discurso ou não. Tal sistematização contabiliza um total aproximado de 25 mil registros, dentre os quais estão incluídas citações a áreas de saber, eventos educacionais, países, comunidades transnacionais e periódicos, o que pode ser útil também para outras pesquisas que porventura venham a ser desenvolvidas, como é o caso da tese de doutorado que dá continuidade a esta investigação.

Nessa ordenação de informações, é possível ver que o autor mais citado em todo o período é John Dewey (594 vezes)<sup>6</sup> e, com relação à bibliografia, recebem destaque os títulos constantes no Quadro 2. O repertório é composto por livros nacionais e estrangeiros, tendo sido, neste último caso, mencionados na maior parte das vezes em versões traduzidas. Também é notável a recorrência de manuais originalmente escritos para sintetizarem o que seus autores consideram o “essencial” em termos de educação e que, ao integrarem a bibliografia de outras obras da mesma espécie, têm o seu conteúdo reinterpretado em razão de novos interesses: é o caso em que um autor de manuais se torna leitor de outros manuais para incorporá-los ao seu texto e/ou deles retirar inspiração<sup>7</sup>.

---

6 Há ainda os nomes de Aguayo y Sánchez (429 vezes), Ovídio Decroly (298 vezes), Edouard Claparède (289 vezes), Georg Kerschensteiner (230 vezes), Johann Friedrich Herbart (222 vezes), Johann Heinrich Pestalozzi (203 vezes), Maria Montessori (198 vezes), Jean Jacques Rousseau (197 vezes) e Afro de Amaral Fontoura (192 vezes), tomando-se aqui apenas os dez nomes mais citados.

7 Entre 1930 e 1946, os títulos mais utilizados são assinados por Dewey e correspondem a: *Democracy and education*, *Como pensamos* e a tradução *Democracia e educação*. Outros livros referidos nesse período são: *Educação progressiva* (Anísio Teixeira), *Novos caminhos e novos fins* (Fernando de Azevedo), *L'école*

Quadro 2  
 ALGUNS DOS TÍTULOS MAIS CITADOS NOS MANUAIS  
 PEDAGÓGICOS BRASILEIROS ENTRE 1930 E 1971

TÍTULO	LÍNGUA	AUTOR	RECORRÊNCIA
<i>Democracia e educação</i>	Tradução	John Dewey	43 vezes
<i>The nature and direction for learning</i>	Inglês	William Burton	25 vezes
<i>Como pensamos</i>	Tradução	John Dewey	21 vezes
<i>Educação progressiva</i>	Português	Anísio Teixeira	20 vezes
<i>Vida e educação</i>	Tradução	John Dewey	16 vezes
<i>Didática magna</i>	Tradução	J. Comenio	16 vezes
<i>L'école active</i>	Francês	Adolph Ferrière	13 vezes
<i>Democracy and education</i>	Inglês	John Dewey	10 vezes
<i>La educación nueva</i>	Espanhol	L. Luzuriaga	6 vezes
<i>Testes ABC</i>	Português	Lourenço Filho	6 vezes
<i>A educação e a crise brasileira</i>	Português	Anísio Teixeira	5 vezes

*active* (Adolph Ferrière) e *Sociologia educacional* (Delgado de Carvalho). Convém assinalar que não há nesse momento nenhum manual pedagógico estrangeiro de pedagogia, psicologia, sociologia, filosofia, biologia, metodologia, prática de ensino e didática que seja citado mais de cinco vezes. Livros como esse começam a ter mais destaque entre 1947 e 1959, quando *Didática da escola nova*, texto originalmente escrito por Aguayo, é o mais citado. A seguir vêm *Pedagogia científica*, do mesmo autor; *Manual de pedagogia moderna*, *Ensaio de biotipologia educacional*, *Técnica da pedagogia moderna*, *Aritmética na escola nova*, manuais brasileiros assinados por Everardo Backheuser; os 3 volumes de *Práticas escolares* (Antônio D'Ávila); *Introdução ao estudo da Escola Nova* (Lourenço Filho); *Didática o direccion del aprendizaje* (González); *A escola primária* (Theobaldo Santos); *Metodologia do ensino primário* (mesmo autor); *Manual do professor primário* (do mesmo autor); *Metodologia das ciências físicas e naturais* (Almeida); além de *Fundamentos do método* (Penteado Jr.) e *Fundamentos de educação* (Fontoura). No decorrer dos anos de 1960 até 1971 os textos mais referidos são manuais brasileiros de didática, pedagogia, psicologia educacional, metodologia e prática de ensino, dentre os quais estão: *Didática geral*, *Fundamentos da educação*, *Psicologia educacional*, *Metodologia do ensino primário*, *O planejamento no ensino primário*, *Prática de ensino* e *Sociologia educacional*, todos assinados por Afro do Amaral Fontoura; *Introdução ao estudo da Escola Nova*, de Lourenço Filho; *Práticas escolares*, de Antônio D'Ávila; *Fundamentos do método*, de Penteado Jr.; *Sumário de didática geral*, *Os objetivos e o planejamento do ensino e O*

Tal sistematização apresenta os títulos mais relevantes dentre a bibliografia usada nos manuais pedagógicos brasileiros durante todo o período estudado neste trabalho. Entretanto, o lugar das referências passa por algumas mudanças ao longo do tempo. Considerando os anos compreendidos entre 1930 e 1946, quando, aliás, a Escola Nova é o principal tema, o nome mais recorrente é o de John Dewey, citado 193 vezes ao todo<sup>8</sup>. Interessa reconstituir, na medida do possível, o papel desse autor no campo educacional brasileiro e os tipos de leituras realizadas da obra desse autor nos manuais pedagógicos. Com relação ao pensamento deweyano, Amaral (1976) observa que esse teórico norte-americano veicula ideais da tradição de seu povo, concebendo a democracia como a forma de vida mais apropriada ao progresso e exaltando as potencialidades da inteligência humana. Ela ainda afirma que a originalidade de Dewey (1859-1952) está na racionalização e teorização de tal programa, ao elaborar uma filosofia que oriente a educação à luz dos prin-

---

*quadro-negro e sua utilização no ensino*, de Luíz Alves de Mattos; *Manual de pedagogia moderna, O professor e Técnica da pedagogia moderna*, de Everardo Backheuser; *Didática geral*, de Imídeo Nérici; *Pedagogia e didática modernas*, de Benedicto de Andrade; *Noções de filosofia da educação, Metodologia do ensino primário, Noções de prática de ensino, Filosofia da educação e Noções de metodologia do ensino primário*, de Theobaldo Miranda Santos. Os manuais estrangeiros então citados são os seguintes: *Didática da Escola Nova* e *Pedagogia científica*, de Aguayo; *Didáctica o direccion del aprendizaje*, de Diego González; *Pedagogia*, de Lorenzo Luzuriaga; *Didáctica general*, de Schmieder; *Didáctica general y especial*, de Clotilde Rezzano; *Didáctica general*, de Hugo Calzetti; *Teoría de la enseñanz o didáctica general*, de Ruiz Amado; *Pedagogia geral*, do português Mário Vianna e *Pedagogia*, de Paul Barth.

- 8 Em seguida, temos Ovídio Decroly (88 vezes), Johann Friedrich Herbart (74 vezes), Georg Kerschensteiner (51 vezes), Edouard Claparède (40 vezes), Kilpatrick (46 vezes), Maria Montessori (34 vezes), Johann Heinrich Pestalozzi (29 vezes), Alfred Binet (22 vezes), Sigmund Freud (22 vezes), Adolph Ferrière (40 vezes), Edward Lee Thorndike (18 vezes), dentre outros que integram o movimento escolanovista e são até hoje consagrados entre os professores. A única exceção é o caso de John Peter Wynne, cujo nome é um dos mais mencionados (84 vezes), embora atualmente não seja tão conhecido. Segundo Onofre de Arruda Penteado Jr., em seu *Fundamentos do método* (1938), manual que mais cita esse autor, ele é responsável por trabalhos versando sobre uma nova concepção de método geral de ensino, tendo sido aluno de John Dewey na Universidade de Columbia.

cípios democráticos. Por sua vez, Franco Cambi, em seu *História da pedagogia*, refere-se a esse autor de maneira muito entusiasta, considerando-o “o maior pedagogo do século XX” e um importante nome do escolanovismo. No seu entender, Dewey inspira debates e experiências educacionais em diversas instituições do mundo e propaga “a lição do pragmatismo americano” (1999, p. 546).

No que tange às modalidades de apropriação da filosofia deweyana, cabe aqui recorrer a alguns casos exemplares. A observação principal refere-se ao fato de que é comum a lógica de exaltação do autor, embora as leituras realizadas da obra de Dewey tenham se transformado ao longo do tempo, passando da ênfase nas finalidades de uma organização escolar tida como “renovada” para a exposição de argumentos justificando a descrição de técnicas e métodos de ensino a serem empregados pelos professores no exercício do magistério. As afirmações de Lourenço Filho ilustram a divulgação das idéias do teórico norte-americano nos manuais pedagógicos brasileiros das décadas de 1930 e 1940. Assim como aparece em outros livros do período, em *Introdução ao estudo da Escola Nova* são destacados dados biográficos, apresentando o nome como um dos “grandes filósofos da atualidade”. No manual transparecem os louvores e o respeito: “Pragmatista, *no melhor sentido da palavra*, ele não crê no valor do pensamento desinteressado, *nem se deixa embriagar* por elocubrações metafísicas. Mas não desdenha a teoria e o valor do pensamento” (Lourenço Filho, 1930, p. 170, grifos nossos).

Referindo-se especificamente ao livro *How we think*, do qual há um excerto traduzido no *Introdução ao estudo da Escola Nova*, o autor do manual elogia o fato de Dewey não conceber uma “educação verdadeira sem uma cultura do pensamento”, a qual “não funciona em abstrato, nem é passível de uma construção puramente formal. É efeito de necessidades que ao homem se apresenta no meio físico e social”. Prosseguindo, Lourenço Filho esclarece que o sentido pragmatista da obra de Dewey reside na “disciplina do pensamento, que compete à educação” (1930, p. 171). Desse modo, examinando-se as referências contidas nos manuais, observa-se que as principais contribuições do teórico para o campo educacional correspondem às pesquisas sobre o pensamento e as implicações daí decorrentes para a definição das finalidades do trabalho

pedagógico. De fato, a maioria das referências ao teórico nos manuais pedagógicos visa a consagrá-lo e, tomando-se esse caso exemplar, é possível dizer que entre as publicações da década de 1930 estas marcas de apropriação são bem visíveis.

Depois de 1946, Dewey deixa de ser o teórico mais citado, embora o seu nome continue sendo muito recorrente<sup>9</sup>. Desde os finais dos anos de 1940 até 1971, o escritor de *Didática da Escola Nova*, Aguayo, aparece como o nome mais referido nos manuais então publicados. Dados os limites impostos ao presente trabalho, cabe apenas lembrar a atuação desse educador cubano em cursos de formação docente e na reorganização das escolas populares de seu país, no sentido de imprimir a elas uma direção renovadora. No *Diccionario de pedagogia* dirigido por Luis Sarto (1972), o autor é apresentado como uma ilustre figura contemporânea do campo educacional, devendo-se a ele a fundação de um laboratório

---

9 Num segundo momento e simultaneamente à proliferação de manuais de metodologia e prática de ensino, nos idos de 1950, os nomes consagrados do movimento escolanovista continuam a ser utilizados, como é o caso de Dewey (154 vezes mencionado nos textos dos 15 manuais do período), Decroly (81 vezes), Claparède (86 vezes), Pestalozzi (67 vezes), Rousseau (67 vezes), Kerschensteiner (62 vezes), Herbart (54 vezes), Montessori (50 vezes), Fröebel (42 vezes), Comenius (41 vezes), Thorndike (35 vezes), Spencer (32 vezes), Rude (44 vezes) e Ferrière (23 vezes), para citar apenas alguns dos exemplos mais notáveis. Mas, diferentemente do que se verifica até então, passam a ser citados também autores de manuais de didática, pedagogia, psicologia educacional, filosofia da educação, dentre outras disciplinas dos currículos de cursos de formação docente. Foi o caso de Aguayo y Sánchez (181 vezes), Everardo Backheuser (95 vezes), Theobaldo Miranda Santos (43 vezes), Antônio D'Ávila (62 vezes) e Lourenço Filho (58 vezes). Essa tendência em usar autores de manuais prossegue, acentuando-se entre 1960 e 1971, momento no qual as produções atentam predominantemente para metodologias e técnicas didáticas. Embora Dewey (citado 230 vezes nas páginas dos 20 livros então publicados), Decroly (113 vezes), Rousseau (83 vezes), Pestalozzi (82 vezes), Claparède (129 vezes), Montessori (93 vezes), Thorndike (88 vezes) e Kerschensteiner (74 vezes) sejam referências ainda muito presentes, o destaque a autores de "sínteses" do pensamento educacional aumenta. Exemplos importantes são os de Aguayo (240 vezes), Afro do Amaral Fontoura (172 vezes), Theobaldo Miranda Santos (76 vezes), Diego González (87 vezes), Lorenzo Luzuriaga (72 vezes), Luíz Alves de Mattos (91 vezes), Antônio D'Ávila (75 vezes), Lourenço Filho (66 vezes), Everardo Backheuser (44 vezes), Onofre Penteadó Jr. (21 vezes), Imídeo Giuseppe Nérici (17 vezes) e Benedito de Andrade (11 vezes).

para o estudo da criança na Universidade de Havana, onde, também, havia se formado pedagogo. Entre 1960 e 1971, outro autor muito utilizado foi Lorenzo Luzuriaga (citado 72 vezes), pedagogo e historiador espanhol. Num estudo sobre a apropriação da obra desse autor nos livros de história da educação publicados nessa época, Mirian Warde (1998) observa que a sua obra é lida, porém, não é incorporada como fonte. Em primeiro lugar, ela assinala que o autor é interpretado segundo o padrão historiográfico de corte religioso, embora tenha tido uma atuação marcadamente socialista e laicista. Em segundo lugar, há a hipótese de que o projeto original de Luzuriaga para construir uma história da pedagogia baseada em práticas e processos de organização do trabalho escolar não tem espaço para se concretizar no campo acadêmico brasileiro do período, o qual é fortemente hierarquizado e sedimentado, sendo favorável à reconstituição das tendências pedagógicas e de seus “grandes” mentores. Embora Warde tenha analisado a apropriação do pensamento de Luzuriaga em livros que não fazem parte do conjunto dos manuais pedagógicos aqui estudados, as suas considerações são úteis porque destacam modalidades de interpretação da obra do autor.

Longe de exaurir todos os aspectos envolvidos na leitura que os escritores dos manuais fazem das obras de autores muito citados ao longo das páginas, convém chamar a atenção para o lugar da bibliografia de Dewey nas produções entre 1950 e 1971, o qual se diferencia por uma recorrência menor, se comparada com os anos de 1930 e 1940, e também por um outro tipo de apropriação. Retomando alguns excertos ilustrativos e localizados nos idos de 1950, são notáveis as declarações constantes em *Introdução à pedagogia moderna*, no qual Theobaldo Miranda Santos tece elogios a John Dewey no capítulo intitulado “A educação e o pragmatismo”. O escritor declara estar referindo-se a uma “figura sugestiva e poderosa [...] que mais profundamente tem influenciado as doutrinas e os *métodos* da chamada educação renovada” (Santos, 1955a, pp. 44-54, grifos nossos). Assim, diferentemente das declarações de Lourenço Filho, tais apreciações deixam entrever a ênfase nas contribuições do pensamento deweyano para orientar o que o professor deve fazer em situação de aula. Essa perspectiva é também especialmente evidenciada no capítulo “utilização do compêndio” em *Didática míni-*

ma (Grisi, 1956), no qual o escritor censura o uso do livro escolar, defendendo a adoção de revistas e jornais infantis, pois estes poderiam despertar o interesse dos alunos. Fundamentando seu argumento, Rafael Grisi traduz e transcreve um trecho de *Democracy and education*, em que Dewey afirmaria, em tom irônico, “que o lema de certos autores de livros didáticos é: pouco importa o que se escreva para uso das crianças na escola, contanto que elas detestem a leitura” (Grisi, 1956, p. 36). Esse é apenas um dentre outros casos muito comuns de argumentos que visam a mostrar a aplicabilidade das proposições deweyanas na definição de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula.

Entre 1960 e 1971, o chamado “tecnicismo” tem uma posição nuclear no discurso educacional, até mesmo nos manuais pedagógicos. Trata-se de uma “renovação radical e capilar da pedagogia”, atenta sobretudo às questões de instrução (Cambi, 1999). No caso brasileiro, essa tendência está relacionada com a política desenvolvimentista do Regime Militar (Cunha & Góes, 1985) e configura-se por uma preocupação muito forte com os recursos técnicos desenvolvidos pela ciência e aplicáveis ao domínio educacional. Assim, *Democracia e educação* é freqüentemente utilizada no intuito de se atestar a relevância dos meios intuitivos no processo de aprendizagem. Ainda com uma finalidade ilustrativa, vale retomar uma citação localizada em *Didática geral* (Penteado Jr., 1965), na parte relativa à “matéria do ponto de vista do aprendiz”. No manual está escrito que o “problema do ensino consiste em conservar a experiência do estudante movendo-se na direção daquilo que o adulto formado já conhece. Por isso é necessário que o mestre conheça ao mesmo tempo a matéria e as necessidades e capacidades características do estudante” (Penteado Jr., 1965, p. 80). O autor do manual não faz maiores apreciações sobre os trechos transcritos, expondo apenas as palavras de Dewey quanto aos modos tidos como “ideais” para se conduzir o magistério. Nota-se, então, a presença mais marcante de transcrições às quais não se acrescentam comentários mais detidos, mas que ressaltam os contributos do teórico norte-americano como um “grande reformador dos métodos da educação” (Penteado Jr., 1965, p. 237).

Em suma, tais constatações induzem a indagar acerca das diferentes concepções relativas ao que merece ser lido pelos professores. Nos ma-

nuais pedagógicos, esse mecanismo é operado sistematicamente: selecionando o que há de “essencial” para a profissão docente, eles exercem a autoridade de ensinar o que se tem por mais legítimo na área, fundamentando as práticas “ideais” para o professorado. As considerações aqui realizadas pretendem favorecer uma reflexão sobre os modos de produção e circulação de saberes no campo educacional.

## Sobre as representações da prática docente

Como foi dito, os manuais pedagógicos apropriam-se de diversos conhecimentos, adequando-os em escritos aparentemente claros e concisos, ora para explicar questões ligadas à escola, ora para fundamentar recomendações a serem seguidas pelos professores em situação de aula. Trata-se de representações entendidas no sentido sugerido por Chartier (1991), ou seja, esquemas que dão sentido a uma realidade. No caso, define-se aquilo que é importante para constituir uma cultura profissional docente, o que apresenta variações ao longo do tempo, como já deixa entrever a análise do conjunto de obras e autores utilizados. Outro indício a ser considerado nesse processo refere-se aos temas privilegiados, os quais podem ser identificados desde os títulos e índices dos livros. Num primeiro momento, situado entre os anos de 1930 até 1946, observa-se uma atenção voltada para a explicação dos postulados da Escola Nova. A partir de finais dos anos de 1940, diferentemente, as questões metodológicas começam a receber um espaço notável, estando presentes nos nomes das obras e constituindo-se como objeto de interesse na maior parte dos capítulos desenvolvidos ao longo das páginas. Essa tendência acentua-se nas décadas de 1960 e 1970, com as descrições sistemáticas a respeito de técnicas pedagógicas. Tais mudanças podem ser descritas da seguinte forma:

- *1930 a 1946*: o entusiasmo pelo movimento escolanovista;
- *1947 a 1959*: a proposição de metodologias de ensino;
- *1960 a 1971*: a apresentação de tecnologias a serviço da eficiência das atividades pedagógicas.

Nas décadas de 1930 e 1940, os manuais dedicam-se à difusão das idéias de renovação educacional, como evidenciam os títulos de *Introdução ao estudo da Escola Nova* (Lourenço Filho, 1930), *As modernas diretrizes do ensino primário* (Vianna, 1930) e *Técnica da pedagogia moderna* (Backheuser, 1934). O prefácio do livro de Onofre de Arruda Penteado Jr., *Fundamentos do método* (1938), embora não faça referências diretas ao escolanovismo, assinala a atuação de autores como John Dewey, um dos nomes mais reconhecidos do movimento. Nessa perspectiva, trata-se de informar aos leitores as “múltiplas modalidades de escola ativa surgidas por toda parte” (Vianna, 1930) ou sintetizar as questões teóricas e práticas sobre o tema. Há ainda o esforço de resumir os conhecimentos produzidos por psicólogos, biólogos, sociólogos e outros profissionais, “dentro de orientação científica e positiva”, como afirma Djacir Menezes ao introduzir o seu livro intitulado *Pedagogia* (1935) e, no âmbito de um “plano de topografia geral, em escala reduzida, situando apenas os acidentes capitais”, Lourenço Filho procura apresentar um “estudo isento, objetivo, em que as coisas se descrevem e se comparam, mais do que se julgam”. Sustenta-se uma suposta imparcialidade dos conteúdos e a valorização de um “juízo imparcial”, como diz o padre Leonel Franca ao comentar o texto de Everardo Backheuser. Entretanto, cada nota de apresentação refere-se a um tipo de entendimento sobre a Escola Nova e os prefácios já revelam a ausência de um consenso em torno das proposições em questão. Em *Introdução ao estudo da Escola Nova* procura-se, por exemplo, situar os “acidentes capitais” do movimento escolanovista e em *Técnica da pedagogia moderna* indaga-se inicialmente “O que era afinal a Escola Nova?”

As diversas modalidades de compreensão expostas nos manuais decorrem, como sugere Marta Carvalho (1998), de diferentes tipos de interesses característicos do campo educacional naquele momento. A autora esclarece que com a criação do Ministério da Educação e Saúde pelo Governo Vargas, em 1930, ampliam-se as possibilidades de estruturação do sistema de ensino, estimulando a disputa pelo controle ideológico e técnico da escola. Dois grupos organizam-se com o intuito de regular o cotidiano das salas de aula e consolidar, dessa forma, uma hegemonia cultural. Um deles reúne os chamados “católicos”, ou seja, os membros do

laicato intelectual e integrantes da Associação Brasileira de Educação (a ABE) desde os anos de 1920 até 1932, quando passam a se articular a agremiações religiosas. De outro lado estão os “pioneiros”, como são designados, trata-se de membros ativos da ABE, que também atuam junto ao governo, promovendo reformas educacionais a partir de princípios liberais e democráticos. Deste último grupo faz parte Lourenço Filho e, entre os “católicos”, está Everardo Backheuser, cujo livro é, até, prefaciado por um padre. Convém assinalar aqui tais diferenças, porque elas inspiram proposições em torno da apropriação dos postulados da Escola Nova. Nesse sentido, tanto os “católicos” como os “pioneiros” atuam junto ao mercado editorial para difundir a sua compreensão acerca das teorias e preceitos tidos como “ideais” para a cultura pedagógica do professorado. No entender de autores da época, como Fernando de Azevedo (1958), a instalação do Estado Novo teria interrompido esse debate, ao promover a centralização das decisões sobre a organização escolar. Entretanto, convém ponderar esse tipo de visão, que reforça uma suposta antagonia entre católicos e pioneiros, desconsiderando o fato de que, como mostra Cunha (1999), a propaganda do escolanovismo empreendida nas décadas iniciais do século XX estimula, entre os educadores de modo geral, a adequação de informações produzidas pela psicologia, sociologia, entre outras áreas, para explicar questões de aprendizagem e propor a racionalização das práticas pedagógicas.

Assim configurado, o discurso educacional constitui-se pela utilização de outros campos e disciplinas científicas. Com a redemocratização do país, tal discurso evidencia também o ideário característico da política desenvolvimentista do Governo Kubitschek. Nessa perspectiva, acredita-se que todas as tarefas escolares devam ser planejadas para garantir a eficiência e disciplina das atividades, adequando-as ao desenvolvimento social e econômico do país que então está pautado sobretudo na industrialização (Cunha, 1999). E os manuais pedagógicos publicados entre finais da década de 1940 e durante os anos de 1950 passam a versar predominantemente sobre a prática e metodologia do ensino, enfatizando, ao longo dos capítulos, aspectos relacionados ao planejamento do trabalho docente, desde a definição dos objetivos até as estratégias de transmissão de conhecimentos aos alunos e de avaliação. Tais aspectos são

assinalados já nos prefácios, como exemplificam as declarações de Antônio D'Ávila quando da apresentação de seu *Pedagogia – teoria e prática* (1954). O autor assinala a necessidade de “ao lado da lição pedagógica teórica e geral”, “apresentar um conjunto de normas práticas, de diretrizes e sugestões para a ação docente do mestre, dando-lhe, ao mesmo tempo, a informação esclarecedora de problema e subsídios de estudo, compendiados em leituras, referências, estatísticas e depoimentos, consorciando, assim, a teoria e a prática pedagógicas”.

Os elogios referentes à metodologia de ensino continuam presentes nos manuais publicados ao longo dos anos de 1960. Como observa Nilson Machado (1980), trata-se de uma crença comum entre os educadores, segundo a qual problemas como a repetência escolar poderiam ser solucionados a partir de opções exclusivamente metodológicas ou mediante o uso de recursos tecnológicos no encaminhamento das atividades dos professores junto aos seus alunos. Luíz Alves de Mattos, em *O quadro-negro e sua utilização no ensino* (1968), ilustra essa tendência ao afirmar que a melhoria qualitativa do ensino brasileiro só será possível mediante o “emprego da moderna tecnologia didática”, a qual pode ser “altamente sofisticada e dispendiosa” ou mesmo mais modesta e acessível, como é o caso do quadro-negro, dos álbuns seriados entre outros, os quais estariam ao alcance dos “países subdesenvolvidos”.

Esse “tecnicismo”, como denomina Machado (1980), restringe os argumentos a um nível operacional, levando em conta apenas os métodos e recursos a serem empregados e desconsiderando uma compreensão mais ampla da atividade pedagógica, atenta a questões de ordem social e cultural. Também Jorge Nagle (1976) refere-se à existência de um movimento de “tecnificação” da literatura educacional, o qual transparece nos títulos, prefácios e temas mais tratados pelos manuais. No entender do autor, essa tendência está entre as principais deficiências observadas em todo o conjunto de produções da área na época. Isso porque as preocupações centradas em objetivos, currículo, medida e avaliação da aprendizagem geralmente não se articulam com questões do sistema escolar, quais sejam, ideais e valores educativos, instituições escolares ou mesmo tópicos relacionados à ordem social mais ampla, a saber, informações a respeito da vida política, econômica e cultural.

Nesse sentido, Nagle reconhece um esforço para restringir a discussão dos problemas, do que decorre um distanciamento de reflexões mais abrangentes. Como se procura evidenciar aqui, tal fragmentação é progressivamente incorporada ao conteúdo dos livros examinados, nos anos de 1960 e início da década seguinte, destacando-se cada vez mais as supostas virtudes das metodologias e técnicas para a boa condução do trabalho docente.

Em suma, pode-se afirmar que os manuais pedagógicos brasileiros, entre 1930 e 1971, enfatizam diferentes maneiras de se conduzir a formação e o aperfeiçoamento do magistério, expondo desde a constituição de uma cultura profissional sob os auspícios da Escola Nova, passando pela política de racionalização do trabalho dos professores, até o processo de tecnicização do ensino. Para tanto, são reunidos saberes produzidos por diversos autores ou, como diria Rafael Grisi (1956), a “pedagogia das cátedras” e transpostos para a “pedagogia da terra”, primeiramente num sentido de adequar esses conhecimentos para explicar fatos do cotidiano escolar e, como ocorre principalmente a partir dos anos de 1950, com o intuito de utilizá-los para justificar regras recomendáveis para o professorado no exercício do magistério. Ao longo do tempo, o que se vai configurando como elemento imprescindível à cultura pedagógica refere-se aos aspectos mais restritos da sala de aula.

Ao se identificar esses três momentos na história dos manuais pedagógicos brasileiros, pode-se reiterar que o intuito do presente trabalho é oferecer elementos para uma reflexão acerca das leituras destinadas aos professores. O principal objetivo da análise é assinalar as especificidades dos manuais pedagógicos no processo de produção e circulação de saberes especializados e o modo como esses livros, amplamente divulgados entre os normalistas, mobilizaram determinadas referências (autores, obras nacionais e internacionais) para criar um discurso próprio, instaurando determinadas maneiras de pensar e agir no magistério.

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Jane Soares de (1993). “A escola normal paulista: estudo dos currículos (1846 a 1990) – destaque para a prática de ensino”. *Boletim do Departamento de Didática*, UNESP, Araraquara, ano XI, n. 9.
- AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco (1976). *John Dewey: uma filosofia fundada na experiência democrática de vida*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AZEVEDO, Fernando de (1958). *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos, pp. 163-217.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes (1999). “Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos”. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, Mercado de Letras/São Paulo, Associação de Leitura do Brasil, FAPESP, pp. 529-575.
- BITTENCOURT, Circe (1993). *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BOTO, Carlota Josefina M. C. dos Reis (1997). *Ler, escrever, contar e se comportar: a escola primária como rito do século XIX português (1820-1910)*. Tese (Doutorado) – FFLCH, São Paulo.
- BOURDIEU, Pierre (1990). *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense.
- CAMBI, Franco (1999). *História da pedagogia*. São Paulo, Editora da UNESP.
- CARVALHO, Marta (1998). “A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil”. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Modos de ler, formas de escrever – estudos de história da leitura e da escrita no Brasil*. Belo Horizonte, Autêntica, pp.65-86.
- CATANI, Denice Barbara (1994). *Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos*. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CATANI, Denice Barbara & FARIA FILHO, Luciano Mendes de (2001). “Um lugar de produção e a produção de um lugar: história e historiografia da educação brasileira nos anos 80 e 90 – a produção divulgada no GT”. *História da Educação* (mimeo.).

- CHARTIER, Roger (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- \_\_\_\_\_. (1991). “O mundo como representação”. *Estudos Avançados*, n. 11, vol. 5, pp. 173-191.
- CORREIA, Antônio Carlos (2001). *Olhar a escola através dos livros de texto para formação de professores*. Texto apresentado no Seminário de Estudos realizado na Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, abr. (mimeo.).
- CUNHA, Luís Antônio & GÓES, Moacyr de (1985). *O golpe na educação*. 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- CUNHA, Marcus Vinícius da (1999). “Três versões do pragmatismo deweyano no Brasil dos anos cinquenta”. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 25, n. 2, pp. 39-55, jul.-dez.
- DARNTON, Robert (1990). *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 109-131.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de (1984). *Ideologia no livro didático*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, vol. 7 (coleção Polêmicas do nosso tempo).
- GALVÃO, Ana (1998). “A palmatória era a sua vara de condão: práticas escolares na Paraíba (1890-1920)”. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Modos de ler, formas de escrever*. Belo Horizonte, Autêntica, pp. 117-142.
- GATTI JR., Décio (1998). *Livro didático e ensino de história: dos anos sessenta aos nossos dias*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (1999). “Dos antigos manuais escolares aos modernos livros didáticos de história no Brasil, dos anos sessenta aos dias atuais”. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 22., 1999 (CD-ROM).
- GODINHO LIMA, Ana Laura (1999). *De como ensinar o aluno a obedecer (um estudo dos discursos sobre a disciplina escolar entre 1944 e 1965)*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- HALLEWELL, Laurence (1985). *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo, EDUSP.
- MACHADO, Nilson José (1980). “O tecnicismo e a hipertrofia do psico-pedagógico”. *Cadernos PUC*, Educ/Cortez, n. 3, pp. 11-27, mar.

- MUNAKATA, Kazumi (1999). “Livro didático: produção e leituras”. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, Mercado de Letras/São Paulo, Associação de Leitura do Brasil; FAPESP, pp. 577-594.
- NAGLE, Jorge (org.). (1976). *Educação e linguagem: para um exame do discurso pedagógico*. São Paulo, Edart.
- OLIVEIRA, João B. Araújo; GUIMARÃES, Sonia D. P. & BOMÉNY, Helena Maria B. (1984). *A política do livro didático*. São Paulo, Summus/Campinas, Editora da UNICAMP.
- PERES, Eliane T. (2000). *Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir a escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares da escola pública primária gaúcha (1909-1959)*. Tese (Doutorado) – Belo Horizonte, FE-UFMG.
- PERRENOUD, Philippe (1993). *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. Lisboa, Dom Quixote.
- ROULLET, Michèle (1998). *Manuels de pédagogie et de psychologie des écoles normales en France entre 1880 e 1920*. These (Docteur) – Université de Genève.
- SARTO, Luis (dir.) (1972). *Diccionario de pedagogia*. Barcelona: Editorial Labos.
- SILVA, Vivian Batista (2001). *História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos “manuais pedagógicos” brasileiros (1930-1971)*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- TANURI, Leonor Maria (1969). *Contribuição para o estudo da escola normal no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (1973). *O ensino normal no estado de São Paulo (1890-1930)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.
- \_\_\_\_\_. (2000). “História da formação de professores”. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, ANPED/Campinas, Autores Associados, n. 14, maio-jun.-jul.-ago., pp. 61-88
- VIDAL, Diana Gonçalves (1996). “Leitura, livro e Escola Nova, no Brasil dos anos 1930”. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Lisboa, Fundação Calouste Guibenkian.
- \_\_\_\_\_. (1997). “Livros, leituras e práticas de formação docente: o Instituto de Educação do Distrito Federal”. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 20., 1997. Programa e Resumos. Caxambu, ANPED.

\_\_\_\_\_. (1999). “Livros por toda parte: o ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil”. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, Mercado de Letras/São Paulo, Associação de Leitura do Brasil; FAPESP, pp. 335-355.

\_\_\_\_\_. (1995). *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VIDAL, Diana Gonçalves & CARVALHO, Marta (orgs.) (2000). *Biblioteca e formação docente*. Belo Horizonte, Autêntica.

WARDE, Miriam (1998). “Lorenzo Luzuriaga entre nós”. In: SOUSA, Cynthia Pereira de & CATANI, Denice Barbara (orgs.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo, Escrituras, pp. 71-82.

## Títulos, autores, locais, editoras, datas e coleções dos manuais pedagógicos estudados

ANDRADE, Benedito de (1969). *Pedagogia e didática modernas*. São Paulo, Atlas.

ARCHÊRO JR., Aquiles (1955). *Lições de pedagogia (rigorosamente de acordo com o programa oficial das Escolas Normais 1º ano)*. São Paulo, Brasil Editora (coleção Didática Nacional).

BACKHEUSER, Everardo (1934). *Técnica da pedagogia moderna: teoria e prática da Escola Nova*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira (Biblioteca Brasileira de Cultura).

\_\_\_\_\_. (1954). *Manual de pedagogia moderna (teórica e prática)*. 5. ed. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, Ed. da Livraria do Globo (Biblioteca Vida e Educação).

CAMPOS, Ismael de Franca (1967). *Diretrizes de didática e educação*. Rio de Janeiro, AGIR.

D’ÁVILA, Antônio (1954). *Pedagogia – teoria e prática (de acordo com o programa do Curso Normal e com as diretrizes do ensino primário) – 1º volume*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

\_\_\_\_\_. (1959). *Práticas escolares – 2º volume*. 5. ed. São Paulo, Acadêmica (coleção de Ensino Normal).

- \_\_\_\_\_. (1962). *Práticas escolares – 3º volume*. 2. ed., São Paulo, Acadêmica (coleção de Ensino Normal).
- \_\_\_\_\_. (1963). *Práticas escolares – 1º volume*. 9. ed. São Paulo, Sarai-va (coleção de Ensino Normal).
- FIGUEIREDO, Ruy Santos de (1969). *Ensino: sua técnica – sua arte*. 7. ed. Rio de Janeiro, Editora Lidador.
- FONTOURA, Afro do Amaral (1954). *Fundamentos de educação (princípios psicológicos e sociais, elementos de didática e administração escolar)*. 3. ed. Rio de Janeiro, Editora Aurora (Biblioteca Didática Brasileira).
- \_\_\_\_\_. (1955). *Metodologia do ensino primário (contendo a matéria dos 2º e 3º anos do Curso Normal)*. 1. ed. Rio de Janeiro, Aurora (Biblioteca Didática Brasileira, série Escola Viva).
- \_\_\_\_\_. (1965). *Didática geral*. 8. ed. Rio de Janeiro, Aurora (Biblioteca Didática Brasileira).
- \_\_\_\_\_. (1967). *Prática de ensino*. 8. ed. Rio de Janeiro, Aurora (Biblioteca Didática Brasileira / A Escola Viva).
- GONÇALVES, Romanda; BASTOS, Alcy Villela & RODRIGUES, Léa da Silva (1968). *Compêndio de pedagogia moderna – de acordo com os programas do Concurso de Ingresso no Magistério das Escolas Normais*. 4. ed. Rio de Janeiro / São Paulo, Livraria Freitas Bastos (Biblioteca Pedagógica Freitas Bastos).
- GRISI, Rafael (1956). *Didática mínima*. 3. ed. São Paulo, Editora do Brasil.
- LIMA, Angelina de (1964). *Metodologia e prática moderna de ensino*. São Paulo, Formar (Curso de orientação educacional).
- LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström (1930). *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo, Caieiras/Rio de Janeiro, Companhia Melhoramentos de São Paulo (Biblioteca de Educação).
- MARCOZZI, Alayde Madeira et al. (1969). *Ensinando à criança: guia para o professor primário*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico (Educação primária – série Guias de ensino).
- MATTOS, Luíz Alves de (1960). *A linguagem didática no ensino moderno*. 2. ed. Rio de Janeiro, Editora Aurora (coleção Cultura para Todos).
- \_\_\_\_\_. (1964). *Sumário de didática geral*. 4. ed. Rio de Janeiro, Aurora.

- \_\_\_\_\_. (1968). *O quadro-negro e sua utilização no ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro, Editora Aurora (coleção Cultura para Todos).
- MENEZES, Djacir (1935). *Pedagogia*. Porto Alegre, Livraria do Globo (Manuais Globo).
- NÉRICI, Imídeo Giuseppe (1960). *Introdução à didática geral*. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura.
- PENTAGNA, Romanda Gonçalves (1964). *Didática geral – de acordo com os programas oficiais de 1ª e 2ª séries do Curso Normal das escolas do estado do Rio de Janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro / São Paulo, Livraria Freitas Bastos.
- PENTEADO JR., Onofre de Arruda (1938). *Fundamentos do método – problemas metodológicos do ensino primário*. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, Companhia Editora Nacional (Atualidades Pedagógicas/Biblioteca Pedagógica Brasileira).
- \_\_\_\_\_. (1965). *Didática geral – para uso das Faculdades de Filosofia e das Escolas Normais*. São Paulo, Obelisco.
- QUEIRÓS, Brisolva de Brito et al. (1954). *Prática do ensino primário: diário de atividades da professoranda para uso das escolas normais e institutos de educação*. 3. ed. Rio de Janeiro, Conquista.
- REIS, Amadice Amaral dos et al. (1964). *Introdução à prática de ensino – 1ª série normal*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.
- RICARDO, Aristides (1946). *Como educar as crianças*. São Paulo, José Olympio (Obras educativas).
- SANTOS, Theobaldo Miranda (1948). *Prática de ensino: o ensino e a aprendizagem, as técnicas de ensino, os planos de ensino, a realidade do ensino, a verificação do ensino*. Rio de Janeiro, EDITEC.
- \_\_\_\_\_. (1955a). *Introdução à pedagogia moderna*. Rio de Janeiro, A Noite (Biblioteca do Estudante Brasileiro – Orientação Técnica do Professor Jonas Correia – Seção VI – Cultura Pedagógica).
- \_\_\_\_\_. (1955b). *Metodologia do ensino primário (de acordo com os programas dos Institutos de Educação e das Escolas Normais)*. 5. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional (Curso de psicologia e pedagogia).
- \_\_\_\_\_. (1957). *Métodos e técnicas do estudo e da cultura: ler, escrever, conversar, estudar, adquirir cultura*. 2. ed. São Paulo, Editora Nacional (Curso de psicologia e pedagogia).

- \_\_\_\_\_. (1958). *Noções de prática de ensino – de acordo com os programas dos Institutos de Educação e das Escolas Normais*. 5. ed. São Paulo, Ed. Nacional.
- \_\_\_\_\_. (1962). *Manual do professor primário – o professor, a escola, o aluno, os métodos, as medidas, as instalações*. 6. ed. São Paulo, Editora Nacional (Curso de psicologia e pedagogia).
- \_\_\_\_\_. (1963). *Noções de pedagogia científica – para uso das Escolas Normais, Institutos de Educação e Faculdades de Filosofia*. São Paulo, Editora Nacional (Curso de psicologia e pedagogia).
- \_\_\_\_\_. (1964). *Noções de metodologia do ensino primário – de acordo com os programas dos Institutos de Educação e das Escolas Normais*. 10. ed. São Paulo, Editora Nacional (Curso de psicologia e pedagogia).
- \_\_\_\_\_. (1967). *Noções de didática geral – para uso das Escolas Normais, Institutos de Educação e Faculdades de Filosofia*. 4. ed. São Paulo, Editora Nacional (Curso de psicologia e pedagogia).
- SILVA, Caio de Figueiredo (1956). *Processologia na escola primária*. Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre (Coleção Didática do Brasil – série Biblioteca Pedagógica).
- TOLEDO, João (1930). *Didática (nas escolas primárias)*. São Paulo, Livraria Liberdade.
- \_\_\_\_\_. (1932). *Escola brasileira*. 3. ed. São Paulo, Livraria Liberdade.
- \_\_\_\_\_. (1934). *Planos de lição: noções comuns*. São Paulo, Livraria Liberdade.
- VIANNA, Francisco (1930). *As modernas diretrizes no ensino primário (escola ativa, do trabalho ou nova)*. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Livraria Francisco Alves.